

A SINGULARIDADE DA CONDIÇÃO HUMANA E SUA RELAÇÃO COM O MITO DE NARCISO EM *HÍDRIAS*, DE DORA FERREIRA DA SILVA.

JAMILLE RABELO DE FREITAS¹
ENIVALDA NUNES FREITAS E SOUZA²

RESUMO: Com uma escrita determinada por elementos arquetípicos, a obra de Dora Ferreira da Silva tem presença assegurada no cenário poético brasileiro. Pela marcante construção simbólica da reutilização dos mitos enquanto atualizadores das verdades presentes nos seres humanos, a poeta demonstra que é a sacralidade da tradição mítica que confere atemporalidade à poesia. O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar o mito de Narciso, na obra *Hídrias*, da poeta Dora Ferreira da Silva, de maneira a elucidar de que modo os recursos míticos são influentes na obra da poeta referida e como eles manifestam uma relação com a atemporalidade da condição humana.

PALAVRAS-CHAVE: Mito, Poesia, Imaginário, Mito de Narciso, Dora Ferreira da Silva.

ABSTRACT: With a written determined by archetypal elements, the work of Dora Ferreira da Silva has assured presence in Brazilian poetry scene. Marked by symbolic construction of the reuse of the myths as truths updaters present in humans, the poet demonstrates that it is the sacredness of the mythic tradition that gives timelessness to poetry. The objective of this study is to analyze the myth of Narcissus, in the work *Hídrias*, the poet Dora Ferreira da Silva, in order to clarify how mythical features are influential in the work of a poet and as such they manifest a relationship with timelessness of the human condition.

KEY-WORDS: Myth, Poetry, Imaginary, Myth of Narcissus, Dora Ferreira da Silva.

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. Rua José Lélio França, nº 1008, B. Santa Mônica, Uberlândia, MG. CEP: 38408-234. E-mail: jahmrabello@gmail.com

² Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. Av. João Naves de Ávila, nº2160, B. Santa Mônica, Uberlândia, MG E-mail: eni@ufu.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica, intitulada *A singularidade da condição humana e sua relação com o mito de Narciso na obra de Dora Ferreira da Silva*, desenvolvida durante o ano de 2011, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG e da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Nascida em Conchas, em 1º de julho de 1918, falecendo em São Paulo no dia 6 de abril de 2006, Dora Ferreira da Silva dedicou mais de 50 anos à arte poética. Contemplada por três vezes pelo Prêmio Jabuti – em 1970, 1996 e 2005 – e reconhecida pela Academia Brasileira de Letras, através da conquista do Prêmio Machado de Assis, no ano de 1999, a poeta assegurou sua permanência no cenário poético brasileiro com suas obras marcadas pela presença de simbologia e recursos míticos.

Com essa poesia de longa jornada, DFS³ apresenta aos seus leitores uma lírica repleta de mitificação, especialmente em *Hídrias*, sua última obra lançada em vida e objeto de nossa pesquisa durante o anuênio 2011-2012. Além de poeta, Dora era exímia tradutora, trazendo em seu currículo o trabalho de tradução de autores como Milosz, Saint-John Perse, San Juan de la Cruz, D. H. Lawrence, Hölderlin e Ângelus Silesius, tendo traduzido, inclusive, nomes de peso como Carl Gustav Jung, T. S. Eliot e Rainer M. Rilke. É durante esses trabalhos de tradução, especialmente coordenando a tradução do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, que Dora tem seu primeiro contato com um conceito que iria permear toda a sua obra: os arquétipos.

Considerado o pai da psicologia analítica, Jung sistematiza o conceito arquetípico através da sua teoria do inconsciente coletivo. De acordo com o autor (2002: 15),

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este, porém, repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo.

É assim, analisando semelhanças e divergências entre as imagens e símbolos de diversas culturas, que Jung chega à conclusão da existência de uma espécie de arquivo, um

³ A fim de facilitar a leitura do artigo, desse momento em diante, todas as vezes que se fizer referência à Dora Ferreira da Silva, seu nome será identificado apenas pelas suas iniciais, isto é, DFS.

depósito da história da humanidade no pensamento humano; um conteúdo imagístico e simbólico que habita os pensamentos de toda a humanidade, dando a esses conteúdos compartilhados o nome de arquétipos. Baseado nessas conclusões, Jung diria (2002: 42-3): “Basta saber que não existe uma só idéia ou concepção essencial que não possua antecedentes históricos. Em última análise, estes se fundamentam em formas arquetípicas primordiais, cuja concretude data de uma época em que a consciência ainda não pensava, mas percebia”.

O contato com esses conceitos, aliado à descendência grega de DFS – sua avó materna, D. Marieta Locchi, era grega - e ao seu relacionamento matrimonial com o filósofo Vicente Ferreira da Silva, tiveram severa influência na poesia de Dora e no seu enveredamento pelos caminhos míticos-poéticos-filosóficos, como apontado pela própria poeta em entrevista a Donizete Galvão e Floriano Martins⁴:

Vicente e eu fomos casados e parceiros. Estudamos juntos. [...] Sou de ascendência grega. Acho que os deuses gregos respondiam a *imago dei* dos gregos. Não nego que eles se imiscuem à minha sensibilidade. Meu itinerário poético prosseguiu após a perda terrível que sofri com a morte de Vicente. Durante uma viagem à Itália, em Ravena, vi na abside de uma igreja bizantina um pastor imberbe tangendo suas ovelhas. Tive um *insight*. Lá estava diante dos meus olhos o Bom Pastor em sua forma originária e pagã. Não é de mim que devo falar nessa entrevista. Mas é certo que meu sentimento e pensamento, e a poesia deles decorrentes, têm um percurso próprio. Nada foi recusado ou abafado da vida anterior partilhada com Vicente. Meu caminho prosseguiu e tem um matiz próprio.

Em outro momento durante a mesma entrevista, Dora ratifica essa comunhão estética com o marido Vicente. Ela diz:

Creio que só a morte detém o nosso percurso, não só o exterior como o interior. Acredito que Vicente é importante para as novas gerações que se defrontam com um mundo dessacralizado e carente de alimento anímico. Vicente é um pensador religioso, não no sentido de uma determinada confissão, mas em um sentido mais amplo do sentimento do sagrado. Partilhamos filosofia e poesia. Sendo que ele era professor na primeira e discípulo na segunda. (*idem, ibidem, grifo nosso*)

É assim, impregnada pelos elementos míticos, que Dora constrói uma obra onde revela um imaginário repleto de configurações simbólicas e envolto pelos elementos clássicos do mundo grego: os mitos. Apresentando uma lírica mitificada, a poeta resgata a noção de

⁴ Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag36silva.htm>

sacralidade e demonstra como a arte poética tem consanguinidade com a mitologia, pois como bem assevera Ivan Junqueira (1999: 407), “nos versos de Dora Ferreira da Silva, o que mais sobreleva é a meditação sobre a vida e a própria condição humana”.

MATERIAL E MÉTODOS

Seguindo o objetivo principal desta pesquisa, que trata de identificar e analisar o mito de Narciso na obra *Hídrias*, de Dora Ferreira da Silva, temos utilizado como aporte teórico para a análise do mito referido os estudos de Ana Maria Lisboa de Mello e Maria Zaira Turchi, em suas respectivas obras *Poesia e Imaginário* e *Literatura e Antropologia do Imaginário*. Além desses estudos, que versam acerca da relação entre mito, poesia, símbolos e imagens, temos nos amparado nos teóricos europeus do imaginário, como Mircea Eliade, com suas obras *Mito e Realidade* e *O sagrado e o profano* e Carl Gustav Jung em suas obras *O homem e seus símbolos: os mitos, os símbolos e o imaginário*, *O inconsciente coletivo* e *Estudos alquímicos*. Toda essa teoria, aliada ao estudo do mito de Narciso narrado na obra *Metamorfoses*, de autoria do poeta latino Ovídio, considerado modelo de completude na recriação e descrição dos mitos antigos, foi quem nos permitiu aprofundar esta pesquisa.

Por se tratar do estudo de imagens, símbolos e arquétipos presentes nos versos de Dora, o método utilizado no desenvolvimento deste projeto tem sido o da mitocrítica, metodologia desenvolvida por Gilbert Durand, que consiste na análise e interpretação de procedimentos imagéticos, simbólicos e míticos da criação literária. Quanto ao *corpus* desta pesquisa, utilizaremos dois poemas que se referem ao mito de Narciso, presentes na última obra lançada em vida pela poeta Dora Ferreira da Silva: o livro *Hídrias*.

Como apoio teórico complementar, buscamos referências extras nas obras de temática afim como *Os arquétipos literários*, de E. M. Meletinski, *O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis*, de autoria de Thomas Bulfinch, *Narciso Errante*, de Donald Schuller, *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell e *As perspectivas do mito*, do autor João Ribeiro Júnior, bem como assistindo a documentários e produções cinematográficas de cunho mítico, fazendo leituras de sites e blogs que versam acerca das áreas de interesse que envolvem esta pesquisa, sem esquecer de mencionar o fundamental apoio encontrado nos dicionários míticos, como a obra *Dicionário de mitos literários*, de Pierre Brunel e os três exemplares da coleção *Mitologia grega*, do experiente pesquisador Junito Brandão.

Para aprofundamento e discussão acerca das obras e do tema pesquisado, foram fundamentais os encontros quinzenais do *POEIMA - Grupo de Pesquisa de Poéticas e Imaginário*, que desenvolve estudos acerca da poesia contemporânea, na própria Universidade Federal de Uberlândia, com o apoio do Instituto de Letras e Linguística. Além desses encontros para discussões temáticas, o Grupo vem promovendo eventos que privilegiam e apoiam as pesquisas na área trabalhada.

O MITO DE NARCISO E A SINGULARIDADE DA CONDIÇÃO HUMANA

Por sua fascinação com a mitologia grega, em *Hídrias*, Dora explora múltiplos mitos através da sua poesia, porém, nos deteremos apenas na análise do mito de Narciso, uma vez que na realização desta pesquisa a pretensão primordial girava em torno da identificação, análise e exploração dos reflexos do referido mito na obra da poeta.

De acordo com Ovídio, mais antigo narrador do célebre mito, Narciso era um jovem de extraordinária beleza. Fruto da união arrebatadora entre o rio Céfiso e a náiade Liríope, o mancebo conquistava inúmeros corações, tamanha sua beleza e formosura, embora nenhum deles despertasse o seu sentimento:

Narciso
Com dezesseis anos de idade, poderia passar
Tanto por moça quanto por homem; homens e mulheres
Disputavam seu amor; mas naquele delgado rapazinho
O orgulho era tão forte, que nenhuma pessoa conseguia agradá-lo.
(OVÍDIO, 2003: 61)

Segundo a narrativa de Ovídio, quando Narciso nasceu, sua mãe, a ninfa Liríope, foi ao encontro do sábio Tirésias para interrogá-lo acerca do destino de seu filho. É mister salientar que essa visita de Liríope ao sábio cego não se deu somente por curiosidade; é que a beleza desmedida do recém-nascido perturbou o coração da mãe, pois naquela época, a beleza fora do comum em mortais era algo censurável e passível de punição, sendo essa característica permitida somente às divindades, como afirma Junito Brandão (1998: 175):

É que também a beleza era uma outorga do divino: constituía, portanto, uma "démeseure", a ultrapassagem do *métron*, ufanando-se alguém de um dom que não lhe pertencia. *Némesis*, a justiça distributiva e, por isso mesmo, a vingadora da injustiça praticada, estava sempre atenta e pronta para punir os culpados.

Ao ser questionado se Narciso, por sua tamanha beleza, sobreviveria por longos anos, o sábio Tirésias respondeu: ‘Sim, se ele nunca descobrir a si mesmo’. A resposta que obteve do profeta assombrou, ainda mais, a ninfa mãe, porém, o tempo passou e Narciso cresceu, sempre formoso. Jovem e de extrema beleza, muitas moças e ninfas queriam o seu amor, mas o rapaz desprezava a todas, até que o seu destino se entrelaça com a figura de Eco. Cabe aqui uma pausa para explicação da mitologia em torno de tal divindade.

Reza a lenda que Eco era uma linda ninfa que acompanhava a deusa Ártemis em suas caçadas, e seu único defeito era falar demais. Um belo dia, Eco encontra a deusa Juno, que desconfiada de que seu marido, Júpiter, estivesse a se divertir com as ninfas da floresta, estava a procurá-lo. Eco, sabendo do perigo corrido por Júpiter, e acima de tudo, pelas ninfas, tenta distrair a deusa até que Júpiter possa se livrar do flagrante e as ninfas fujam. Ao perceber a manobra, Juno se enche de ira e repreende a ninfa Eco com um castigo que durará até o fim dos seus dias.

Nessa ocasião, Eco tinha um corpo,
 Não era apenas uma voz. Gostava de conversar,
 Mas não tinha o poder da palavra, exceto o poder
 De responder às últimas palavras ouvidas.
 Juno a fez assim: quando ela fora procurar
 Por Júpiter em cima de alguma ninfa, nas montanhas,
 Eco fez a deusa parar, falando,
 Até que a ninfa fugisse. Juno, para castiga-la, disse:
 “A língua que tentou me enganar encurtará,
 Terá pouco uso, a voz será um resumo, daqui em diante”.
 Não eram palavras vãs; Eco ficou condenada a repetir sempre
 A última palavra que ouve, e nada além.

(OVÍDIO, 2003: 62)

Donaldo Schuller, fazendo uma análise do mito de Narciso em sua obra *Narcis Errante*, justifica a punição dada por Juno a Eco. De acordo com o autor,

Eco se põe no caminho de Juno, insegura da fidelidade do marido. Eco falava por falar, falava para distrair, enquanto Júpiter se desembaraçava de presenças comprometedoras. A ninfa cultivou fala envolvente, fala só fala, fala de não dizer nada. Eco dessacralizou a fala, foi esse o erro dela. Tratou Juno como mulher ciumenta e não como deusa. Juno, ofendida, pune a insolente. (SCHULLER, 1994: 39)

Ao se deparar com a beleza de Narciso, a ninfa se apaixonou por ele. Impotente para se declarar ao seu amado, ela se põe a segui-lo, ansiando um momento em que pudesse

revelar ao jovem mancebo todo seu amor e admiração. Um belo dia, estava Narciso a caçar quando se viu perdido dos companheiros de caça. Na tentativa de reencontrá-los, o belo jovem diz: “Tem alguém aí?” Eco vê, então, a oportunidade de dialogar com o ser amado e rapidamente, responde: “Aí”. Narciso, atônito, põe-se a procurar o dono daquela voz. O que se passa a seguir é narrado por Ovídio (2003: 62-63):

[...] Ele olhou para os lados, intrigado, e chamou mais alto
 “Venha até mim!” “Venha até mim!” foi a resposta que obteve.
 Ele olhou para trás, e não viu ninguém se aproximando;
 “Por que você foge de mim?” e ouviu sua pergunta
 Repetida nas árvores. “Vamos ficar juntos!”
 Não havia nada que Eco quisesse mais repetir do que isso,
 “Vamos ficar juntos!” E para reforçar suas palavras,
 Saiu do bosque com os braços prontos
 Para enlaçar o pescoço dele. Mas Narciso se retraiu:
 “Fique longe de mim!”, gritou ele, “e não me toque!
 Eu morreria antes de lhe dar alguma chance”.
 “Lhe dar uma chance”, e isso foi tudo
 O que ela disse dali em diante, rejeitada e buscando esconder-se,
 Envergonhada, na floresta fechada, em cavernas solitárias.
 Mesmo assim, o amor atrelou-se a ela
 E só fez crescer seu sofrimento; ela não conseguia dormir,
 Corroeu-se, definhou, ficou macilenta e abatida,
 Seu corpo secou e enrugou até que a voz, apenas,
 E os ossos, restaram, e aí sobrou só a voz,
 Porque os ossos viraram pedra. Ela se escondeu nas florestas
 E ninguém mais a viu andando pelas montanhas,
 Mas todos conseguiam ouvi-la, porque sua voz ainda vive.

Assim como Eco, muitas jovens e ninfas se apaixonaram por Narciso, mas ele desprezava a todas. Um dia, um dos muitos jovens desdenhados por ele, cansado de tanto desprezo, ergueu as mãos para o céu e disse: ‘Possa Narciso amar um dia, de modo que ele próprio não consiga ganhar a criatura que ama!’ Nêmesis, a divindade punidora do crime e das más ações, sempre atenta e a postos, escutou esse pedido e o satisfez.

Havia uma fonte límpida, de águas prateadas e cristalinas, de que jamais homem, animal ou pássaro algum se tinham aproximado. Durante uma de suas caçadas, Narciso, cansado pelo esforço, foi descansar por ali. Ao se inclinar para beber da água da fonte viu, de repente, sua imagem refletida na água e encantou-se com a visão. Fascinado, apaixonou-se por si mesmo, sem saber que aquela imagem era a sua, refletida no espelho das águas.

Nada conseguia arrancar Narciso da contemplação, nem fome, nem sede, nem sono. Várias vezes lançou os braços dentro da água para tentar inutilmente reter com um abraço

aquele ser encantador. Desesperado e quase sem forças, foram estas suas últimas palavras: ‘Adeus, amado rapaz, em vão adorado!’. As ninfas, juntamente com Eco, choraram tristemente pela morte de Narciso. Já preparavam para o seu corpo uma pira quando notaram que desaparecera. No seu lugar, havia apenas uma flor amarela, com pétalas brancas no centro, a qual deram o nome de narciso.

O mito de Narciso trata do vazio da condição humana, da efemeridade da beleza e de sensações que a ela se aliam: a solidão, o reflexo, o engano, a inveja e a morte; ele coloca o homem diante da problemática de identificação entre o “eu” e o “outro”, e não por acaso Narciso é tão lembrado na obra de DFS, pois como aponta André Dabezies (1997: 732), “A vitalidade e atualidade de um mito se medem pela sua receptividade e pelas variações desta mesma receptividade”.

Evocado através de imagens como a água, o espelho, o reflexo e a sombra, o mito é constantemente reatualizado na obra da poeta, atingindo, através de suas sensações características como o reflexo, a sombra e o duplo, o homem em sua temporalidade. É em decorrência dessa “atemporalidade narcísica” que Narciso continua a tocar a *anima* humana. Ora, já nos apontava Donald Schuller (1994:13), “Todos vimos nossa imagem refletida em alguma superfície lisa algum dia e ficamos perturbados. Os contornos refletidos são os nossos? Vemos outro ou vemos a nós mesmos? Por isso Narciso nos interessa, por isso ele é histórico”.

É assim, utilizando o mito de Narciso e sua simbologia do espelhamento para refletir acerca da essência do existir humano, que DFS aproxima sua lírica do universo mítico-imaginário e demonstra a superficialidade – simbolizada pelo espelho e pela água – em que vive o ser humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo principal de identificar e analisar o mito de Narciso na obra de Dora Ferreira da Silva, investigamos, no decorrer do ano, o modo pelo qual os recursos míticos são reatualizados/retomados na obra da poeta e como eles manifestam uma relação com a condição humana.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa nos centramos em três questionamentos principais: Qual o conceito de mito? Qual a recorrência do mito de Narciso na composição

dos poemas de Dora Ferreira da Silva? O mito é relatado e reelaborado à luz do homem contemporâneo?

Desde os tempos remotos, os poetas utilizam a mitologia para delinear seus temas, pois, como aponta Mircea Eliade (2006:18), “Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas”. Elemento fundamental na poesia de Dora, o mito é constituinte do processo de perenidade da sua poesia e fundamental na retomada da sacralidade da escrita lírica. Utilizados pelos gregos como forma de expressão daquilo que sentiam e vivenciavam, e, sobretudo, na explicação de fenômenos e sentimentos que não compreendiam, os mitos existem desde épocas imemoriais e são empregados com o propósito de compreender e explicar o mundo e o homem.

Há diversas conceituações acerca dos mitos, porém, se levarmos em conta a acepção transcendental da temática mítica, teremos como principal função do mito na literatura a compreensão da existência, isto é, o entendimento do sentido que a Razão jamais poderá captar. Essa conceituação de natureza transcendental vai de encontro ao pensamento de Schuller (1994:10), ao afirmar que “O mito é a narrativa das coisas que foram, que são e que serão. Buscando apanhar a totalidade no fluxo do devir, o mito se faz epopéia, preocupado que está em compreender, a partir do passado remoto, a direção futura, através do presente”.

De acordo com Ana Maria Lisboa de Mello, o mito é cheio de significado e desvelador das relações humanas. Segundo esta teórica do Imaginário (2002:28), “os mitos surgem da necessidade biológica de adaptação do ser humano à sociedade; a mitologia é o útero da iniciação da humanidade à vida e à morte”. Ligados aos conceitos arquetípicos, eles manifestam-se através de símbolos e imagens, e com isso, tornam-se modelos, padrões de conduta para grande parte dos comportamentos humanos, atribuindo a eles significação e valor.

Não por acaso a mitologia vive em relação profunda com a poesia. Como diria Mello (2002:43), “A poesia tem profunda afinidade com o mito. Os poetas, não só os modernos, fazem renascer ou regenerar, através de sua imaginação, símbolos arquetípicos próprios da produção mítica”. É esse renascimento e/ou regeneração da tradição mítica que DFS apresenta aos seus leitores na obra *Hídrias*. Com 25 poemas que evocam e elevam a beleza dos principais mitos gregos, a obra é instrumento manifestador da relação entre a condição humana e a atemporalidade mitológica.

Em *Hídrias*, Dora traspõe os mitos antigos para o cotidiano, e reativando-os, a poeta sensibiliza seus leitores, fazendo-os refletir sobre o sentido da existência humana. Acerca dessa poesia mítica de DFS, a estudiosa Constança Marcondes Cesar (1999: 469) comenta:

Numa época da morte de Deus, “tempo de carência” e de ausência do sagrado, a poesia de Dora Ferreira da Silva e a renovada atenção aos mitos gregos lembram que os deuses vivem em nós. E que a poesia é via de acesso ao ser, dádiva, na palavra, de um outro inefável em si mesmo. [...] Na poesia de Dora, o poema é reativação dos mitos, contém a força invocada, sopro do espírito. Descrevendo, como nos hinos órficos, os deuses e sua proximidade, narrando a trama de sua história essencial, abordando sob um ângulo privilegiado o núcleo do mitologema ou um momento de vida do Deus, o poema coloca-se sob a égide do que é invocado; torna-se receptáculo da vida mais plena, tematização de sua presença.

O poema eleito para análise é uma mostra de como a essência do mito é revelada na poesia de DFS. Nele, a poeta discorre acerca do mito de Narciso e da sua complexidade representativo da singularidade da condição humana.

NARCISO (I)

Lampeja o olhar que antes a toda beleza
se esquivara. És tu, Narciso,
teu reflexo nas águas, ou a irmã
de gêmeo rosto e forma?
Não, não te afastas, porque a unidade
em duas se faria e o mundo das sombras ulula
à espera de tal luto. Permaneces inclinado
e adoras, sem saber se és tu, ou quem queres ver
no exasperado amor que as águas refletem.

A Morte veio enfim buscar-te, consternada
vendo os olhos do estranho amante
fixos na flor nascida de teu sonho.

(SILVA, 2004:38)

No poema de Dora, o mito de Narciso é explorado de maneira bastante expressiva. Os próprios verbos utilizados na lírica da poeta são pensados de modo a beneficiar as imagens relacionadas à simbologia em torno de Narciso, como quando ao iniciar o seu canto lírico a poeta utiliza a forma verbal “lampejar”, sinonímico do verbo irradiar, em sua acepção relativa à emissão de um clarão, à brilhar momentaneamente.

Entusiasta e profunda conhecedora da temática mítica grega, ela não poderia deixar de fazer referência a uma das muitas versões “extraoficiais” do mito de Narciso. Veja: “És tu, Narciso/ teu reflexo nas águas, ou a irmã/ de gêmeo rosto e forma?” Propagador dessa versão, Pausânias acreditava que Narciso tinha uma irmã gêmea, por quem se apaixonara, e tendo ela morrido muito cedo, o jovem se entregou ao refúgio da solidão. Assim, certa tarde, ao ver sua imagem na fonte, sentiu alívio para a sua dor amorosa, pois imaginava ver não o seu próprio reflexo, mas a aparência amada da irmã, com quem muito se assemelhava.

A pureza das águas incólumes de *Téspias*, o bucolismo do ambiente; tudo é sugerido por Dora de maneira a ressaltar a metaforização da figura de Narciso, com sua pureza amorosa, e sua beleza intocável. Narciso, incapaz de voltar seu olhar a qualquer olhar amoroso, agora perece, e ironicamente, perece através desse próprio “olhar que antes a toda beleza se esquivara”.

Ao ver a sua imagem refletida, Narciso se extasia com tanta formosura e extasiado permanece imóvel; não consegue se ausentar daquela presença. Inerte, ele acaba permanecendo diante da imagem que é, ao mesmo tempo, sua salvação e seu carrasco. Estagnado ali, Narciso é a personificação do duplo, e com a permanência em si mesmo não se deixa desfazer da sua unidade. Esse duplo que se torna a chave para a compreensão do mito de Narciso, pois como aponta Vernant (1990: 389),

O duplo é uma coisa bem diferente da imagem. Não é um objeto ‘natural’, mas não é também um produto mental: nem uma imitação de um objeto real, nem uma ilusão do espírito, nem uma criação do pensamento. O duplo é uma realidade exterior ao sujeito, mas que, em sua própria aparência, opõe-se pelo seu caráter insólito aos objetos familiares, ao cenário comum da vida. Move-se em dois planos ao mesmo tempo contrastados: no momento em que se mostra presente, revela-se como não pertencendo a este mundo, mas a um mundo inacessível.

Em Narciso, o duplo do mancebo é ele mesmo, é a sua sombra, como bem retratado na tela *Metamorfose de Narciso*, produzida pelo célebre artista espanhol Salvador Dalí.



Esse duplo narcísico que ratifica o pensamento de Rosset (1988:64), ao dizer: “Não é o outro que me duplica, sou eu que sou o duplo do outro”. Notemos que em todos os personagens que irão se entrelaçar com o belo mancebo, o duplo reina, como em Tirésias, onde o duplo se apresenta sob a forma de *anima animus*, ou em Eco que representa a incompletude, e até mesmo no próprio Narciso, que torna-se dois: o amante e o objeto amado por ele.

Retornemos ao poema, pois “o mundo das sombras ulula à espera de tal luto”. Esse mundo que, em coro, fica a espera da condenação de Narciso e tem o luto satisfeito por ele. Apaixonado pela própria imagem, ele fica imobilizado ali, cumprindo a sua *moira*; condenado a amar um amor impossível. Por amor ao seu próprio reflexo, à sua própria sombra, Narciso já não pode abandonar aquelas águas paradas. Somente ali seu amor se satisfaz; somente ali “a unidade que em duas se faria” através do seu afastamento, não se desfaz. Então, “Permaneces inclinado/ e adoras, sem saber se és tu, ou quem queres ver/nos exasperando amor que as águas refletem.”

Vem então o desolamento de amar aquele ser que nunca toma forma, nunca se materializa, nunca pode ser tocado; esse desolamento que traz a desilusão, e o conseqüente suicídio de Narciso. Sim, Narciso se suicida, uma vez que escolhe permanecer imóvel ali, a contemplar sua própria beleza. E é tanto sofrimento que é imposto a Narciso pelo seu próprio

destino, que até a morte se compadece dele, mas já era tarde. Após tanta estagnação, é chegada a hora de partir: “A morte veio enfim buscar-te, consternada.” Desolada, ela vem em busca de um jovem apaixonado e encontra um Narciso inerte, vazio, sem força e sem vida; um “estranho amante” que já está morrendo aos poucos.

Incontestável, o destino de Narciso é cumprido; não se pode conhecer a si mesmo sem se deixar tocar pela própria sombra. “Além de fascinar os olhos, a sombra capturou o entendimento de Narciso. Estivesse livre, o saber recomendaria tomar distância para interpretar o visto. Cabe distinção entre ver e observar”, já observava Schuller (1994:32).

Ligado a esse encontro interior, a essa metáfora da busca do conhecimento, está, inevitavelmente, a sombra. Jung já asseverava ser a sombra o arquétipo mais perturbador da consciência humana. Ele diria (2002:31):

O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas para saber quem somos, temos de conhecer-nos a nós mesmos [...].

Sendo um arquétipo, a sombra torna-se universal, coletiva e imutável, manifestando-se diferentemente na consciência de cada indivíduo. Em Narciso, essas sombras se apresentam através da imagem lacustre, do espelho que se forma com a limpidez das águas intocáveis de *Téspias*. A simbólica do espelho, fundamental na retomada desse mito, é representativa da consciência e da verdade, pois a esse objeto é atribuído um conhecimento sem mácula de si mesmo.

Assemelhando-se a *umbra*, por sua função ambivalente, o espelho, tradutor da clareza e da reflexão, símbolo da pureza e tradutor do inconsciente humano, é também gerador de ambiguidade: a imagem refletida é, ao mesmo tempo, enganosa e idêntica, como afirma Eco (1989:21): “Se as imagens do espelho tivessem que ser comparadas às palavras, essas seriam iguais aos pronomes pessoais: como o pronome eu, que se eu mesmo pronuncio quer dizer "mim", e se uma outra pessoa o pronuncia quer dizer aquele outro”.

Também nessa ambiguidade presente na simbologia do espelho, vemos a relação entre o eu e outro. Ora, a funcionalidade primordial do objeto espelhado é permitir que o indivíduo possa se observar, possa se ver como os seus próximos o veem, permitindo, ao mesmo tempo, proximidade e afastamento de si mesmo. Não raro, temos exemplos recorrentes, na literatura, da imagem especular sendo utilizada nesse sentido, como meio de autoconhecimento; basta-

nos observar *O retrato de Dorian Gray*, romance de Oscar Wilde, a peça teatral *Alice através do espelho*, ou mesmo os contos homônimos “O espelho” de Machado de Assis e de Guimarães Rosa, bem como os contos de Edgar Allan Poe, ou os contos de fadas, como “Branca de Neve”, para ficarmos só com algumas lembranças. Essa ambiguidade do espelho é explicada por Jung, na obra *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*:

Verdadeiramente, aquele que olha o espelho da água vê em primeiro lugar a sua própria imagem. Quem caminha em direção a si mesmo corre o risco do encontro consigo mesmo. O espelho não lisonjeia, mostrando fielmente o que quer que nele se olhe; ou seja, aquela face que nunca mostramos ao mundo, porque a encobrimos com a *persona*, a máscara do ator. Mas o espelho está por detrás da máscara e mostra a face verdadeira. (2002: 30)

É através das sombras que Narciso, finalmente, se reconhece:

[...] Sei
 A verdade, finalmente. Você é eu! Sinto isso,
 Reconheço minha imagem agora. Ardo de amor
 Por mim mesmo; eu próprio ateei o fogo que agora me queima.
 O que devo fazer? Devo dar ou tomar a pergunta?
 O que devo perguntar? O que eu desejo está comigo,
 Minhas riquezas me fazem pobre. Se ao menos pudesse
 Escapar do meu próprio corpo! Se ao menos pudesse –
 Que prece mais estranha para um apaixonado –
 Ser afastado do meu amor! Minha tristeza
 Está sugando todas as minhas forças; sei
 Que não tenho mais ânimo para viver, devo morrer cedo,
 E a morte não me parece tão terrível assim, já que arranca
 De mim o meu problema; fico triste apenas
 Porque o rapaz que amo deve morrer: morreremos juntos!

(OVÍDIO, 2003: 64-65)

Semelhante complexidade é vista no poema seguinte, que também se refere ao mito de Narciso.

NARCISO (II)

Folhas incandescentes fizeram da fonte
 vale de fulgores. Bebia Narciso sobre a onda
 quando uma face viu de tal beleza
 que a luz mais viva se tornou.
 E Amor – cujas setas jamais puderam alcançar
 seu coração esquivo – nele reinou e jamais do jovem
 se apartava, que a seu chamado às águas acorria.

Insidiosa veio a Morte para o levar consigo,
deixando numa flor a forma de Narciso.

(SILVA, 2004:39)

Neste poema, DFS mantém a tônica do mito: a paixão pelo reflexo de si mesmo. Os versos, que não obedecem a rimas fixas, trazem uma lírica repleta de sonoridade, de maneira a demonstrar como a poesia pode dialogar com a música e a dança. E a poeta parece mesmo dialogar com as artes, porque apresenta seu próprio poema em estrutura dupla, em módulos, tal como se faz com a música. É assim, repleto de mimetismo, que o poema se origina.

Novamente a intensidade luminosa de Narciso é destacada pela poeta. A folhagem incandescente, a luminosidade excessiva, tudo é índice desse brilho extraordinário proveniente do reflexo do belo mancebo: “Folhas incandescentes fizeram da fonte / vale de fulgores”. Bebendo, ele vê sua face, e ao visualizar a si mesmo, ele se extasia com tanta beleza. Radiante e extasiado, toda essa luminância é intensificada; a luz, já incandescente, passa a brilhar ainda mais. “Bebia Narciso sobre a onda / quando uma face viu de tal beleza / que a luz mais viva se tornou”.

Narciso não se percebe naquela imagem, e embora seja filho de um deus fluvial, ele se deixa enganar pelo reflexo das águas. Também como poderia perceber-se ali? Narciso não conhece “o outro”. Vivendo a ermo, o mancebo se acostuma ao seu próprio eu e se deixa estar sempre na solidão dos campos, alheio a qualquer tipo de afeto, num ato de autossuficiência. Talvez seja esse o motivo do seu trágico final, pois como aponta Schuller (p. 26): “Conviver com os demais, constituir família, perpetuar a espécie figuram no elenco das obrigações sagradas. Vida solitária só se consente a deuses e animais”.

Amaldiçoado por Eros, ele vai de encontro às águas, para cumprir sua *moira*, para satisfazer o chamado da sua descendência. Essas águas que foram fonte de vida para ele, e que agora serão causa de morte. E dali não consegue se mover, tornando-se assim a personificação do duplo, e com a permanência em si mesmo não se deixa desfazer da sua unidade.

O duplo, um dos mitemas relacionados à mitologia de Narciso, encontra explicação sucinta no mito do andrógino, relatado pelo filósofo grego Platão em sua famosa obra *O banquete*, onde o filósofo discorre também acerca do mito do nascimento do amor. De acordo com Platão, no princípio, os homens eram duplos e completos, mas Zeus, para enfraquecê-los, os segregou, em virtude de suas personalidades arrogantes e orgulhosas. Divididos ao meio –

de acordo com o relato, os homens eram formados por quatro braços e quatro pernas – eles passam a sofrer com o surgimento do vazio interior e o sentimento de incompletude, que doravante se tornariam inerente à natureza humana.

Como a natureza humana foi dividida em duas, cada uma das partes, saudosa, unia-se à outra, aos abraços, ardentes por se confundirem num único ser. Morriam de fome e de inércia em geral, porque não queriam fazer nada separadamente. [...] Eros, que atrai um ao outro, está implantado nos homens desde então para restaurar a antiga natureza, faz de dois um só e alivia as dores da natureza humana. (PLATÃO, 2011: 65- 67)

Assim, e de acordo com esse princípio do andrógino, o ser humano viveria em busca da sua outra metade, da parte que lhe falta, do seu complemento. Com essa teoria, Platão explicaria a incompletude existencial e amorosa do ser humano, que é representada na figura de Narciso. Ao se ver, ele encontra o seu duplo, e inebriado de Amor, ele se deixa estar ali. Ali, onde o êxtase e a inércia são tamanhos, ele se descuida, e durante o descuido é acertado pelas flechas de Eros, como exterioriza lindamente a tela reproduzida abaixo, de autoria de Nicolas Poussin (1594–1665), intitulada *Eco e Narciso*.



Por esse descuido, Narciso sente o deus do amor em toda a sua personificação. Aquele ser apaixonante, que dantes ignorava todo e qualquer olhar amoroso, agora sucumbe através das setas do Cupido: “E Amor – cujas setas jamais puderam alcançar / seu coração esquivo – nele reinou”.

Inegavelmente, Amor e Morte andam de mãos dadas e Tântatos virá satisfazer o luto daqueles que esperam pela condenação do belo mancebo: “Insidiosa veio a Morte para o levar consigo”. Quem não se abre ao outro, marca um encontro com a morte e Narciso não pode fugir do seu destino; seu próprio nome está ligado à morte, como nos aponta Junito Brandão (1998:174):

nárke, como fonte de narcose (sono produzido por meio de narcótico), ajuda a compreender a relação da flor narciso com as divindades ctônias e com as cerimônias de iniciação, sobretudo as atinentes ao culto de Deméter e Perséfone. Narcisos plantados sobre os túmulos, o que era um hábito, simbolizavam o sorvedouro da morte, mas de uma morte que era apenas um sono. Às Erínias, consideradas como entorpecedoras dos réprobos, ofereciam-se guirlandas de narcisos. Uma vez que o narciso floresce na primavera, em lugares úmidos, ele se prende à simbólica das águas e do ritmo das estações e, por conseguinte, da fecundidade, o que caracteriza sua ambivalência morte (sono) – renascimento.

Resta então a flor de Narciso. Essa flor que é a representação da sua efemeridade, da beleza que se esvai com o tempo, da associação entre a morte e a vida. Narciso permanece vivo entre e em nós, quer seja na melancolia, no sofrimento, na beleza, na juventude e no desejo de alcançar a imagem duplicada, mas a imagem não pode ser duplicada sem riscos. Aí está a relação desse mito com a condição humana, pois como diria Schuller (p. 36): “Causa da morte de Narciso? Falsa concepção do belo. Quis imóvel o que todos os dias se constrói”.

Narciso, que nasceu da água, morre agora por ela. Passa agora a procurar o ser amado nas escuras águas do rio *Estige*, no reino sombrio de Hades, “deixando numa flor a forma de Narciso”. A forma dessa flor que metaforiza o sono da morte. Uma flor que já nasce efêmera: floresce na primavera, mas fenece após essa breve vida. Narciso, enfim, encontra a morte, pois como bem nos aponta a psicanalista Raïssa Cavalcanti, para quem Narciso é *O herói da consciência*, “Quanto mais se conhece, mais se adquire a consciência de que se desconhece. Essa consciência nos devolve a humildade e nos protege da “hybris”. A saída da inflação se dá pelo conhecimento. Este é o castigo de Nêmesis para Narciso, e também, a sua cura”

(2003: 138). Nada mais há que se possa fazer. Como diria o poeta Leminski, “Narciso morreu de sede bebendo de sua própria imagem”.

CONCLUSÃO

Diante os dados apresentados, torna-se impossível negar que a arte poética e o pensamento mítico são fatores contribuintes para o processo de autoconhecimento humano. Revelando-se, através desses dois modos de arte, o homem passa a ter consciência de si mesmo, e é na junção de ambos que esse mesmo homem toma consciência do seu destino.

Circulando pelo mundo com várias versões, o mito de Narciso trata da transitoriedade da beleza e das sensações que a ela se aliam, e por isso tem tanta relação com a realidade da condição humana. A presença deste mito na obra de DFS é caracterizada por uma duplicidade: o mito é, ao mesmo tempo, enigma e revelação. Nos dois poemas – Narciso I e Narciso II – a poeta corrobora a importância da relação dos mitos com a literatura, ao tempo em que representa a singularidade da condição humana e nos leva a refletir acerca da vida e do sentido da nossa existência.

Falar de Narciso é falar do homem contemporâneo, uma vez que o referido mito serve de demonstração da superficialidade em que vive o ser humano. A paixão pela própria imagem, pelo próprio eu, o desolamento de amar algo que nunca pode ser tocado, as desilusões amorosas, a inércia, o se deixar morrer; tudo isso é apresentado no mito de Narciso e recorrente na existência humana. Como não se identificar? É exatamente essa identificação, essa ligação entre o Narciso de *Téspias* e os Narcisos atuais; é isso que Dora Ferreira da Silva traz em sua poesia: a perenidade, que demonstra a atemporalidade característica dos mitos.

Dora consegue alcançar, por meio de sua poesia, a concepção de mito exposta pelo poeta Octávio Paz (1990, p. 12): “O mito, através de suas brumas e metáforas, introduz uma luz dentro de nós: no lugar de adormecermos com a fantasia, nos aviva, nos revela, isto é, nos dá a consciência do destino.” Os poemas de Dora Ferreira da Silva refletem acerca do sentido da existência humana e assim a poeta consegue transpor os mitos para a vida cotidiana, demonstrando a atemporalidade que lhes é peculiar. Essa atemporalidade mitológica é que permite o encantamento e a perpetuação desses mitos, e é na literatura que eles buscam amparo para alcançar sua continuidade.

Explorando os símbolos, mitos e imagens arquetípicas em sua poesia, Dora Ferreira da Silva fala do homem contemporâneo e de suas recorrentes inquietações. Com isso, sua obra se

torna um retrato da condição humana. É assim, com essa lírica imagética e simbólica, que a poeta – mestre no manuseio de elementos clássicos – constrói uma poesia eterna, tradutora da plenitude e perpetuadora dos elementos míticos.

Recriando liricamente esse tempo original dos deuses, a poeta recupera a tradição mítica e nos coloca em aproximação direta com os sentimentos que nos causam inquietude, como o faz ao tratar de Narciso. Auxiliados pelo lirismo de Dora é que percebemos o quão esse célebre mito, através de suas sensações características - como o reflexo, a sombra e o duplo - atinge o homem em sua temporalidade.

Narciso é a metaforização do ser humano em declínio pela incapacidade de amar, de olhar para o Outro. Personificação da *katábasis*, uma vez que Narciso “cai” dentro de si, o referido mito trabalha a incompletude existencial dos seres humanos, abarcando o duplo, o refletir-se no espelho, o amor a si próprio e a necessidade da iluminação interior para o entendimento de si mesmo, ao tempo em que demonstra o quão perigoso é esse processo de auto revelação.

Através dessas fabulações míticas, as relações humanas vão sendo desveladas e assim os elementos mitológicos se tornam fonte de significação, motivo de reiteração e perpetuadores de padrões comportamentais. A intenção moral por trás dessas fabulações nos leva de volta ao princípio, à origem das experiências e de todo o comportamento humano e o que nutre o pensamento mítico é exatamente essa intencionalidade; é através dela que os padrões de comportamento se personificam e se tornam referenciais para a nossa caminhada existencial.

Tal como os mitos, a poesia põe em foco a condição humana; ambos são formas representativas e metafóricas de dizer a linguagem. Adornada pelos elementos sagrados, a poesia tenta trazer a tona o tempo primeiro; o tempo em que o homem era a imagem dos seus deuses. E é exatamente essa uma das características mais marcantes dessa relação: o resgate, realizado pela poesia e pelo mito, do homem de sua temporalidade.

É essa a principal função de poetas como Dora Ferreira da Silva: fazer “renascer ou regenerar, através de sua imaginação, símbolos arquetípicos próprios da produção mítica”, como aponta Mello (2002: 43). A poeta ratifica, através de sua lírica, essa aproximação entre mito e poesia. E o faz no seu sentido mais puro, de maneira a validar a conceituação de “poeta mítico” proposto por Maria Zaira Turchi, em sua obra *Literatura e antropologia do imaginário*:

Poeta é quem, ao relembrar o mito, é capaz de recriá-lo. A figuração arquetípica em si permanece com o único significado, que é o etimológico; mas o mito, como núcleo, resumo de um evento histórico, embora *in illo tempore*, pode oferecer a possibilidade de florescer poeticamente desde que seja aplicado num outro contexto. (TURCHI, 2000: 13)

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Enivalda Nunes Freitas e Souza, por sua ajuda sempre inestimável na condução desta pesquisa, bem como pela dedicação e paciência com que me acompanhou e orientou durante este ano de pesquisa. Agradeço também pela oportunidade de poder conviver e vivenciar o trabalho de uma excelente profissional, que pôde me proporcionar a honra de investigar e pesquisar uma obra ainda tão pouco estudada ou pesquisada. Assim, sinto-me honrada em concluir este trabalho sabendo que foi muito enriquecedor para minha trajetória acadêmica. A essa “orientadora-mãe”, meu sincero e profundo agradecimento, sobretudo pelo tempo concedido a mim e às minhas dúvidas, às reflexões, críticas e sugestões que foram tão valiosas para a conclusão desta pesquisa.

Ao meu esposo, por ter me apoiado nos momentos de dificuldades que demandaram extrema compreensão. Pela paciência durante a exposição e debate de minhas ideias e pelas críticas construtivas que me foram de grande valia e serviram de incentivo na ultrapassagem de obstáculos encontrados no decorrer dos meus estudos acadêmicos.

À minha mãe, que mesmo estando distante fisicamente, sempre me incentivou. Agradeço pelo carinho e amor dispensados a mim, bem como pelas palavras de carinho e encorajamento ditas - via intermináveis conversas ao telefone – nos momentos difíceis. Obrigada mãe, por ter acreditado e confiado sempre em meu potencial.

À FAPEMIG (Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais) e a UFU (Universidade Federal de Uberlândia), pelo apoio financeiro durante a realização desta pesquisa, bem como pela oportunidade de desenvolver esse lindo e valioso projeto.

À minha família e amigos pelo carinho e dedicação especial em todos os momentos.

Por fim, embora não menos importante, gostaria de agradecer ao POEIMA (Grupo de Pesquisa Poéticas e Imaginário), que acrescentou e contribuiu para o desenvolvimento da minha pesquisa com leituras, exposições e discussões realizadas durante os nossos encontros quinzenais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol. II, 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAVALCANTI, Raíssa. *O mito de Narciso: o herói da consciência*. São Paulo: Edições Rosari, 2003.

CESAR, Constança Marcondes. As grandes deusas na poesia de Dora Ferreira da Silva. In: SILVA, Dora Ferreira da. *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999, P. 469-474.

DABEZIES, André. Mitos primitivos a mitos literários. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind; Jorge Laclette; Maria Thereza Rezende Costa; Vera Whately. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

DALI, Salvador. *A metamorfose de Narciso*. Disponível em: <http://pt.wahooart.com/A55A04/w.nsf/Opra/BRUE-5ZKF5N>. Acesso em 20 de fevereiro de 2012.

ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2002, 2ª ed.

JUNQUEIRA, Ivan. Ritmo semântico. In: SILVA, Dora Ferreira da. *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999, P. 407-409.

LEMINSKI, Paulo. *Metaformose, uma viagem pelo imaginário grego*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

OVÍDEO. *Metamorfoses*. Trad. Manuel M. B. Bocage. São Paulo: Hedra, 2007.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução de Donaldo Schuller. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

POUSSIN, Nicolas. Eco e Narciso. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$eco-e-narcisode-nicolas-poussin](http://www.infopedia.pt/$eco-e-narcisode-nicolas-poussin). Acesso em 20 de fevereiro de 2012.

ROSSET, Clément. 1988. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: L&PM.

SCHULER, Donaldo. *Narciso errante*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SILVA, Dora Ferreira da. Entrevista de Dora Ferreira da Silva [Maio de 1999]. São Paulo: *Revista Cult*. Entrevista concedida a Donizete Galvão. [Online]. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag36silva.htm>. Acesso em: 01 out 2011.

SILVA, Dora Ferreira da. *Hídrias*. São Paulo: Odysseus, 2004.

SILVA, Dora Ferreira da. *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.

SOUZA, Enivalda N. F. E., COSTA, Soraya B. (Orgs.). *Reflexos e sombras: arquétipos e mitos na literatura*. Goiânia: Câne Editorial / Belo Horizonte: FAPEMIG, 2011.

SOUZA, Enivalda N. F. E. A poesia do *illud tempus*: introdução a arquétipos de Dora Ferreira da Silva. In: YOKOSAWA, Solange Fiuza Cardoso; PIRES, Antônio Donizeti. (Org.). *O legado moderno e a (dis)solução contemporânea* (Estudos de poesia). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 177-199.

_____. Narciso e seu reino de sombra em Cantares, de Hilda Hilst. *Letras de Hoje*: Porto Alegre: EDUPUC, v. 44, p. 65-74, 2009.

_____. *Traduzir e traduzir-se*: a tradução e sua influência na poesia de Dora Ferreira da Silva. Texto inédito.

TURCHI, Maria Zaira. *Literatura e antropologia do imaginário*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

VERNANT, Jean-Paul. *Mito e pensamento entre os gregos*. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.